

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - UNIFAL/MG**

**GLENA BARBARA COSTA SILVA**

**MULHERES NEGRAS EMPREENDEDORAS E OS DESAFIOS DIANTE DA  
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: ESTUDO DE CASO COM MULHERES  
RESIDENTES NA CIDADE DE VARGINHA, MINAS GERAIS.**

**VARGINHA/MG**

**2024**

**MULHERES NEGRAS EMPREENDEDORAS E OS DESAFIOS DIANTE DA  
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: ESTUDO DE CASO COM MULHERES  
RESIDENTES NA CIDADE DE VARGINHA, MINAS GERAIS**

Trabalho de conclusão do Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (PIEPEX) apresentado como parte dos requisitos para obtenção de colação de grau no curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas, campus avançado de Varginha.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paula Gontijo Martins

**VARGINHA/MG**

**2024**

## **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo analisar o empreendedorismo de mulheres negras, pertencentes às classes C e D, residentes no município de Varginha, Minas Gerais, e examinar os desafios por elas enfrentados. Foi levado em consideração não apenas as dificuldades inerentes à atividade empreendedora, mas também os marcadores interseccionais de raça, gênero e classe que moldam suas trajetórias. O estudo se deu por meio da aplicação e análise de questionário estruturado qualitativo, com perguntas abertas e fechadas, direcionado a 35 empreendedoras. Os resultados obtidos revelaram que a escassez de oportunidades no mercado de trabalho formal é um dos principais motivadores para que muitas mulheres negras optem pelo empreendedorismo. Além disso, a pesquisa destacou que a condição de ser mãe solo adiciona camadas de desafios, agravando a falta de estabilidade e segurança no âmbito profissional dessas mulheres. Nesse contexto, o empreendedorismo não significa escolha, mas sim necessidade decorrente da falta de inclusão e da permanência no mercado de trabalho formal.

**Palavras-chave:** empreendedorismo negro; mulheres negras; interseccionalidade; mercado de trabalho.

## **ABSTRACT**

The present study aims to analyze the entrepreneurship of black women, belonging to classes C and D, residing in the municipality of Varginha, Minas Gerais, and examine the challenges they face. It took into account not only the difficulties inherent to entrepreneurial activity, but also the intersectional markers of race, gender and class that shape their trajectories. The study was carried out through the application and analysis of a qualitative structured questionnaire, with open and closed questions, aimed at 35 entrepreneurs. The results obtained revealed that the scarcity of opportunities in the formal job market is one of the main motivators for many black women to opt for entrepreneurship. Furthermore, the research highlighted that being a single mother adds layers of challenges, aggravating the lack of stability and security in these women's professional sphere. In this context, entrepreneurship does not mean choice, but rather necessity resulting from the lack of inclusion and permanence in the formal job market.

Keywords: black entrepreneurship, black women; intersectionality; job market.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2. OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>08</b>
2.1 Objetivos específicos.....	08
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>08</b>
<b>4. RAÍZES HISTÓRICAS DAS EMPREENDEDORAS NEGRAS.....</b>	<b>09</b>
<b>5. OS DESAFIOS DAS MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO.....</b>	<b>13</b>
<b>6. EMPREENDEDORISMO DAS MULHERES NEGRAS POR NECESSIDADE.....</b>	<b>15</b>
<b>7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>17</b>
7.1 Perfil das participantes da pesquisa.....	19
<b>8. RESULTADOS ENCONTRADOS.....</b>	<b>20</b>
8.1 A falta de oportunidades e acesso à capital.....	20
8.2 Os desafios ao empreender, sendo uma mulher negra.....	22
8.3 Estereótipos e preconceitos raciais.....	25
8.4 Barreiras estruturais e institucionais, a visibilidade das empreendedoras negras é limitada.....	27
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>10. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
<b>11. ANEXOS.....</b>	<b>36</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Formação educacional: Fonte de pesquisa.....	18
Figura 2 - Perfil familiar: Fonte de pesquisa.....	19
Figura 3- Ramo de atividade empreendedora: Fonte de pesquisa.....	19
Anexo 1 - Roteiro das Perguntas.....	35
Anexo 2 - Oportunidades de negócio foram negadas.....	36
Anexo 3 - Barreiras e dificuldades.....	39

## 1. INTRODUÇÃO

A mulher negra sempre enfrentou inúmeras injustiças decorrentes do racismo e do preconceito, resultando em desvantagens significativas em suas trajetórias profissionais. Diante dos obstáculos, deu origem ao trabalho informal, muitas vezes manifestado como empreendedorismo por necessidade, como veremos no decorrer deste trabalho.

O fato é que enquanto mulheres negras, sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão, em vez de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço da investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. Exatamente a partir das noções de mulata, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com sua insistência... (GONZALEZ, 2020, P.77)

É comum que a ausência ou a baixa representatividade de pessoas negras em posições de poder não desperte desconforto ou surpresa entre indivíduos brancos. Para desnaturalizar essa situação, é fundamental que todos questionem a falta de presença de pessoas negras em cargos de liderança, a escassez de autores negros em antologias, a ausência de pensadores negros na bibliografia de cursos universitários e a carência de protagonistas negros na produção audiovisual. Além disso, é imperativo que sejam elaboradas e implementadas ações concretas para promover mudanças nessa realidade (Ribeiro, 2019).

Através da abordagem da teoria da interseccionalidade, introduzida aqui por Sueli Carneiro (2003), torna-se possível identificar as complexidades das opressões enfrentadas por indivíduos que vivenciam simultaneamente violências associadas à sua cor, classe e gênero. Carneiro (2003) esclarece que, especialmente no contexto brasileiro, onde o racismo estrutural, originado de uma sociedade escravocrata, ainda exerce influência nas relações econômicas, sociais e culturais contemporâneas, a cor desempenha um papel crucial na determinação de classes, acessos e oportunidades. De maneira simultânea e integrada, a condição de mulher também influencia a subalternidade das funções relacionadas ao cuidado, situando a maternidade como parte integrante do sistema de trabalho capitalista patriarcal. Manssur (2018) destaca que:

O estereótipo do gênero feminino foi se desenvolvendo a partir do papel desempenhado pelas mulheres, no espaço privado e quase que imposto pela sociedade: não saíam para o mercado de trabalho, não lhes era permitido o direito e a oportunidade de desenvolverem atividades remuneradas e, portanto, numa sociedade capitalista, eram consideradas de menor importância.

Acredita-se neste trabalho que a promoção social e a igualdade de oportunidades para as mulheres negras podem ser alcançadas por meio de uma perspectiva interseccional e da implementação de políticas que estão atentas à sobreposição de opressões. Isso contribuiria para o justo reconhecimento, respeito e preparo para enfrentarem os desafios que surgem em sua vida profissional e em todos os aspectos de seu cotidiano.

## **2. OBJETIVO GERAL**

O objetivo principal deste estudo é analisar o empreendedorismo de mulheres negras pertencentes às classes C e D, residentes no município de Varginha, Minas Gerais, e examinar os desafios por elas enfrentados. Isso é feito levando em consideração não apenas as dificuldades inerentes ao mundo do empreendedorismo, mas também os marcadores interseccionais de raça, gênero e classe que moldam suas trajetórias.

### **2.1 Objetivos específicos**

- A. Realizar um estudo teórico e empírico sobre empreendedoras negras e seus desafios no trabalho.
- B. Construir e aplicar questionário qualitativo estruturado direcionado a 35 empreendedoras negras que residem no município de Varginha (MG) para investigar os motivos e circunstâncias pelas quais essas mulheres empreendem.
- C. Apontar caminhos para a melhoria das condições de trabalho e vida de mulheres negras.

## **3. JUSTIFICATIVA**

O tema em análise é de grande relevância, especialmente considerando que está sendo investigado em um país onde a maioria da população é composta por pessoas de pele negra,

as quais enfrentaram um histórico de escravidão, racismo e desigualdade social, resultando em significativas dificuldades de inserção no mercado de trabalho, (Rezende, Mafra & Pereira, 2018, p 589-609).

A relevância deste estudo se fundamenta na significativa importância do empreendedorismo para mulheres negras, dada a condição de vulnerabilidade em que se encontram. Além disso, o trabalho busca suprir uma lacuna teórica ao abordar a escassez de pesquisas qualitativas que investiguem as origens e os estímulos que levam as mulheres negras a optarem pelo empreendedorismo (Siqueira *et al.*, 2018), especialmente sob uma perspectiva crítica.

Este estudo é necessário para compreender os elementos essenciais que impulsionam o empreendedorismo de mulheres negras e como isso afeta suas carreiras. Para que essas mulheres possam ingressar no mercado de trabalho, é essencial conhecer os desafios que enfrentam.

Há necessidade de abordar quais as desigualdades e obstáculos enfrentados pelas mulheres negras, e investigar as complexas relações entre empreendedorismo e precarização do trabalho e contribuir para a formulação de políticas e estratégias mais eficazes de apoio. De acordo com Berdejó (2021, p.48):

“trabalho autônomo é especialmente atraente para grupos que tradicionalmente enfrentam obstáculos na busca por cursos superiores, que sofreram discriminação no mercado de trabalho e cujas redes sociais carecem de conexões que possam servir fontes de oportunidades de emprego.”

A justificativa para as disparidades de renda, nível educacional, inserção no mercado de trabalho e até mesmo exclusão no meio social enfrentadas pelas mulheres negras pode ser atribuída à persistência do preconceito e racismo na sociedade até hoje. “[...] o negro é representado ora como trabalhador braçal, não qualificado, ora como aquele que ascendeu socialmente pelos canais de mobilidade considerados legítimos para o negro.” (Gonzalez; Hasenbalg, 2022, p. 127).

Considerando que negros e negras quase não estão presentes em cargos de liderança, as razões para este empreendimento são claras. O objetivo deste trabalho é examinar os obstáculos incessantes que afetam nossa sociedade e contribuem para essa realidade.

A justificativa deste trabalho reside na necessidade de compreender que, quando as mulheres negras são inseridas no mercado de trabalho, historicamente, elas têm ocupado

cargos de menor prestígio e recebido remunerações mais baixas. Desde a época da escravidão, padrões de preconceito e discriminação têm contribuído para perpetuar essas desigualdades na sociedade. Segundo Nascimento (2019, p. 81):

Contrariamente a mulher branca, sua correspondente no outro polo, a mulher negra, pode ser considerada como uma mulher essencialmente produtora, com um papel semelhante ao do seu homem, isto é, como tendo um papel ativo. Antes de mais nada, como escrava, ela é uma trabalhadora, não só nos afazeres da casa grande (atividade que não se limita somente a satisfazer os mimos dos senhores, senhoras e seus filhos, mas como produtora de alimentos para escravaria) como também, no campo, nas atividades subsidiárias do corte do engenho. Por outro lado, além da sua capacidade produtiva, pela sua condição de mulher, e, portanto, mãe em potencial de novos escravos, dava-lhe a função de reprodutora de nova mercadoria, para o mercado de mão de obra interno.

A mulher negra pode ser vista como uma trabalhadora essencial, em tempo integral (Nascimento, 2019).

É fundamental entender que dados mais precisos e abrangentes são essenciais para a compreensão da realidade, das experiências e das dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras.

#### **4. RAÍZES HISTÓRICAS DAS EMPREENDEDORAS NEGRAS**

Neste trabalho, entendemos o conceito de empreendedorismo como uma atividade formal e informal vinculada à busca de construção própria de fontes de renda. Segundo essa perspectiva, que abrange as ações de geração de renda informais ou não estruturadas no mercado formal de trabalho, decorrentes da necessidade das pessoas de garantirem meios de sobrevivência, reconhecemos que a origem do empreendedorismo de mulheres negras no Brasil remonta a longa data, desde o período escravocrata.

Maria Beatriz Nascimento (2018, p. 83) expressa na seguinte citação:

A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadora nas áreas rurais. Podemos

acrescentar, no entanto, ao que expusemos acima, que a estas sobrevivência ou resíduos do escravagismo, se superpõem os mecanismos atuais de manutenção de privilégios por parte do grupo dominante. Mecanismos que são essencialmente ideológicos e que ao se debruçarem sobre as condições objetivas da sociedade tem efeitos discriminatórios. Se a mulher negra hoje permanece ocupando emprego similares aos que ocupava na sociedade colonial, é tanto devido ao fato de ser uma mulher de raça negra, como por terem sido os escravos seus antepassados.

Lélia Gonzalez (2018), destaca de maneira contundente a experiência de ser uma mulher negra no Brasil e a interseção de discriminação a que estão sujeitas. Ela ressalta que as mulheres negras enfrentam uma tripla discriminação, resultado da interação do racismo, do sexismo e, muitas vezes, da opressão de classe:

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão (GONZALEZ, 2018, p. 44).

A citação de Lélia Gonzalez (2018) enfatiza a noção de "tripla discriminação", que se refere à interseção das formas de discriminação enfrentadas por mulheres negras no Brasil. De acordo com Gonzalez (2018), ser negra e mulher no Brasil significa estar sujeita a uma tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo as colocam nos níveis mais altos de opressão. Essas mulheres são discriminadas por causa de sua raça e de seu gênero. Além disso, estão sujeitos a estereótipos e preconceitos que as colocam em maior opressão na sociedade, uma terceira camada de discriminação sendo a combinação de racismo e sexismo. Em essência, a "tripla discriminação" destaca que as mulheres negras enfrentam desafios únicos e complexos devido à interseção de sua raça e gênero, tornando-as particularmente suscetíveis a uma variedade de formas de marginalização e injustiça social.

Excluída da participação no processo de desenvolvimento (desigual e combinado, não esqueçamos), ficou relegada à condição de massa marginal crescente: desemprego aberto ou não, ocupação "refúgio" em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente, trabalho por temporada, etc. Ora, tudo isso implica baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação, etc. (GONZALEZ, 2020, p.50).

Gonzalez (2020) enfatiza como as mulheres negras são excluídas do processo de desenvolvimento, que é desigual e combinado. Essa exclusão as relega à condição de uma massa marginal crescente, enfrentando desemprego, ocupações precárias em serviços de baixa remuneração e trabalho intermitente. Essa situação resulta em condições de vida extremamente precárias em termos de habitação, saúde, educação, entre outros aspectos.

A mulher negra está em um patamar de 'inferioridade social' se comparada com os dados relacionados ao homem branco, ao homem negro e até mesmo a mulher branca: as mulheres negras, de acordo com tais dados, contam com um menor nível de escolaridade e com mais tempo dedicado aos cuidados domésticos em todo o Brasil, o que se revela como um dos grandes empecilhos para aumentar a participação da mulher negra no empreendedorismo brasileiro. (TEIXEIRA, 2017, p. 17).

Teixeira (2017) destaca que as mulheres negras enfrentam desigualdades significativas em comparação a outros grupos sociais, sendo mais frequentemente engajadas em trabalho doméstico e apresentando níveis mais baixos de escolaridade.

## **5. OS DESAFIOS DAS MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO**

Collins (2019) argumenta que a raça, o gênero e a classe social são fatores interligados que afetam todas as mulheres negras, independentemente de suas circunstâncias individuais. Ela aponta que essas opressões interseccionais suprimiram a produção intelectual das feministas negras. "O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção." (Almeida, 2021, p. 50).

"A perspectiva defendida afirma que os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade e idade são construções socialmente interligadas que influenciam as vivências das mulheres negras. Essas construções sociais, por sua vez, são moldadas pelas experiências dessas mulheres." (Collins, 2019, p. 460 ).

Parece-me que esses são alguns dos requisitos necessários para construir as condições para operar a desnaturalização do lugar da mulher negra na sociedade brasileira. Um lugar no qual a subalternidade aparece como uma dimensão ontológica do ser da mulher negra. (CARNEIRO, 2018, p.281)

O mito da superioridade branca, uma vez arraigado, demonstra sua eficácia por meio dos efeitos devastadores do estilhaçamento, que fragmenta a identidade racial das pessoas não brancas. Este processo tem impactos particularmente prejudiciais para as mulheres negras, que enfrentam não apenas o desejo internalizado de "embranquecer" - uma tentativa de se ajustar aos padrões de beleza e status social brancos -, mas também a negação concomitante de sua própria raça e cultura. Essa dinâmica reflete a profundidade do preconceito e das dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras, que são compelidas a renegar aspectos fundamentais de sua identidade em uma sociedade que enaltece a branquitude como norma (Gonzalez, 2011).

Carneiro (2018) sugere que esses são alguns dos requisitos necessários para construir as condições para operar a desnaturalização do lugar da mulher negra na sociedade brasileira. Um lugar no qual a subalternidade aparece como uma dimensão ontológica do ser da mulher negra.

A cor funciona, em relação às mulheres negras, como fator não somente de expulsão da população feminina negra para as piores atividades do mercado de trabalho, como também determina os baixos rendimentos, mesmo nessas funções subalternas, o que ocorre de maneira sistemática no interior das demais ocupações. (CARNEIRO, 2018. p.38)

Carneiro (2018, p. 38) salienta que a cor atua como um fator crucial não apenas na atribuição das piores vagas de emprego às mulheres negras, mas também na determinação dos baixos rendimentos, mesmo quando ocupam essas posições subalternas. Este padrão é observado de forma sistemática em todas as esferas ocupacionais. De acordo com Gonzalez (2020, p. 217), "Essa realidade contribui para que a mulher negra permaneça como o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, uma vez que é submetida a uma tripla discriminação - social, racial e sexual."

Carneiro (2011) destaca que:

“as mulheres negras brasileiras compõem, em grande parte, o contingente de trabalhadores em postos de trabalho considerados pelos especialistas os mais vulneráveis do mercado, ou seja, os trabalhadores sem carteira assinada, os autônomos, os trabalhadores familiares e os empregados domésticos.” (CARNEIRO, 2011, p.129).

Gonzalez (2020) destaca que as mulheres negras enfrentam uma realidade na qual trabalham mais e recebem menos em comparação às mulheres brancas, devido aos mecanismos da discriminação racial. Esse contexto contribui para a permanência da mulher negra como o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira.

Carneiro (2011) destaca a situação precária enfrentada pelas mulheres negras brasileiras no mercado de trabalho. Ao mencionar que elas compõem uma parte significativa dos trabalhadores em empregos considerados os mais vulneráveis, como os sem carteira assinada, autônomos, trabalhadores familiares e empregados domésticos, Carneiro (2011) ressalta a dupla marginalização que essas mulheres enfrentam: por um lado, devido à sua condição de gênero, e por outro, devido à sua raça.

Segundo Carneiro (2011), as mulheres são frequentemente confinadas em ocupações de menor prestígio e remuneração, o que reflete a segregação ocupacional e a discriminação racial no mercado de trabalho. De acordo com Lima (2001, p. 152), "No mercado de trabalho, os negros estão fortemente concentrados em ocupações da indústria tradicional e nos serviços gerais. O acesso à educação é apontado como um dos principais fatores de produção dessa desigualdade. Isso evidencia uma distribuição desigual de indivíduos no mercado de trabalho, com a cor sendo um dos fatores dessa desigualdade."

Gonzalez (2020) destaca a realidade da divisão racial do trabalho no Brasil, evidenciando que a maioria da população negra está inserida em ocupações precárias e vulneráveis. Além disso, Gonzalez (2020) aponta que essas condições de trabalho inadequadas têm impactos diretos nas condições de vida, como habitação, saúde e educação, destacando a interligação entre desigualdade econômica e social.

Conforme Carneiro (2011), sequelas emocionais mencionadas, como danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima, também podem ser atribuídas, em parte, às experiências de discriminação e exclusão vivenciadas no mercado de trabalho.

## **6. EMPREENDEDORISMO DAS MULHERES NEGRAS POR NECESSIDADE**

Apesar de comporem mais da metade da força de trabalho, as pessoas pretas ou pardas enfrentam uma representação desproporcionalmente maior entre os desempregados e subutilizados. Essa realidade reflete uma clara falta de oportunidades para os negros no mercado de trabalho formal, evidenciando barreiras estruturais que impedem sua plena inserção e progressão profissional. De acordo com dados do IBGE, (2019):

em relação à população desocupada e à população subutilizada, que inclui, além dos desocupados, os subocupados e a força de trabalho potencial, as pessoas pretas ou pardas são substancialmente mais representadas – apesar de serem pouco mais da metade da força de trabalho (54,9%), elas formavam cerca de  $\frac{2}{3}$  dos desocupados (64,2%) e dos subutilizados (66,1%) na força de trabalho em 2018 (IBGE, 2019).

O que pode ser considerado como vestígios ou memórias do período colonial continua presente no imaginário social e assume novas formas e funções em uma ordem social que se autodenomina democrática, mas que mantém intactas as hierarquias de gênero baseadas na cor ou raça estabelecidas durante a escravidão (Carneiro, 2003).

[...] o empreendedorismo negro não opera como uma possibilidade de solução para os problemas que envolvem a depreciação da população negra brasileira, mas sim como uma possibilidade para amenizar as grandes disparidades entre a pessoa branca e a pessoa negra em um cenário que outrora era exclusivo para o homem branco. Trata-se de um mecanismo que combate às desigualdades e a exclusão social, no qual o homem e a mulher negra partem de um ‘empoderamento’ a partir de suas identidades (Siqueira; Nunes; Morais, 2018, p. 232).

Conforme afirmam Siqueira, Nunes e Morais (2018), o empreendedorismo negro é compreendido como um meio de reduzir as disparidades socioeconômicas entre pessoas brancas e negras, em um contexto onde o empreendedorismo costumava ser dominado exclusivamente por brancos. Isso sugere que o empreendedorismo negro não é apenas uma resposta aos desafios enfrentados pela população negra, mas também uma forma de enfrentar as estruturas de desigualdade e exclusão social. "As mulheres negras brasileiras representam em grande parte o contingente de trabalhadores em empregos amplamente considerados como os mais vulneráveis do mercado, tais como aqueles sem carteira assinada, autônomos, trabalhadores familiares e empregados domésticos"(CARNEIRO, Sueli. "Matriarcado da Miséria", Jornal Correio Braziliense, Coluna Opinião, 15/09/2000).

Além disso, a busca por conciliar as responsabilidades domésticas com a busca por alternativas de geração de renda impulsiona a decisão de considerar opções empreendedoras. Nesse contexto, muitas optam por trilhar o caminho da carreira como cabeleireira ou vendedora. Essas escolhas refletem-se no fato de que as mulheres representam 75% dos empreendimentos nesse segmento de cabeleireiras e vendedoras (Moreira, 2015).

Caberia à “dona de casa” promover a reprodução social via trabalho doméstico ou trabalho reprodutivo em três sentidos: 1) pela geração e cuidados de crianças, reduzindo a mortalidade infantil e garantindo uma geração de trabalhadores e soldados mais produtivos, bem como pelo cuidado prestado a pessoas idosas e outras incapacitadas à exploração no trabalho dito produtivo; 2) pela reprodução da ordem social via socialização e cuidados com a educação de crianças, para que sejam obedientes às normas sociais e disciplinadas ao trabalho dito “produtivo” e 3) pela manutenção das classes trabalhadoras oferecendo-lhes alimentação, vestimenta, uma casa limpa, garantia de gastos domésticos dentro do orçamento familiar dado pelo provento masculino, cuidados de saúde, serviços sexuais, cuidados emocionais e cuidados com plantas e animais domésticos que garantam a saúde física, o alívio do estresse e a saúde mental e emocional para que os homens das classes trabalhadoras retornem a cada dia aptos à exploração pelo trabalho dito produtivo (Federici, 2017; 2021 apud Onuma e Oliveira, 2023)

A flexibilidade do empreendedorismo, permite a conciliação entre o trabalho produtivo e reprodutivo, tanto dentro quanto fora de casa. Essa condição apresenta vantagens, possibilitando uma maior autonomia na gestão do tempo e das responsabilidades. No entanto, é importante ressaltar que essa flexibilidade também pode conduzir a uma realidade de superexploração da mão de obra feminina. Muitas mulheres acabam assumindo múltiplos turnos de trabalho, tanto remunerados quanto não remunerados, em uma jornada que se estende por todo o dia. Essa sobrecarga não é experimentada da mesma forma pela mão de obra masculina, evidenciando desigualdades de gênero persistentes no mercado de trabalho. Assim, enquanto o empreendedorismo oferece certa liberdade, também pode servir como um veículo para a perpetuação das disparidades de gênero e para a reprodução de estruturas sociais desiguais. (Federici, 2017; 2021 apud Onuma e Oliveira, 2023)

## **7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste trabalho, optou-se por uma abordagem metodológica predominantemente qualitativa. A pesquisa foi conduzida por meio de uma investigação teórica exploratória, combinada com a aplicação de questionários estruturados, os quais foram enviados por telefone ou e-mail, utilizando formulários Google Forms. No total, 35 mulheres negras empreendedoras residentes em Varginha, Minas Gerais, responderam aos questionários, os quais continham tanto perguntas abertas quanto fechadas.

A escolha do questionário qualitativo como método de pesquisa ampara-se na preocupação de compreensão de fatores objetivos e subjetivos relativos à vida das mulheres, visando compreender experiências, percepções e opiniões dos participantes. A pesquisa teórica sobre o tema do estudo consistiu em pesquisar dados secundários em livros, artigos científicos, sites e blogs especializados, bem como em conteúdos relacionados aos conceitos de interseccionalidade, empreendedorismo, mulheres negras e mercado de trabalho. Desde o início do trabalho em setembro de 2023 até sua conclusão, esta pesquisa teórica acompanhou todo o processo.

Para garantir uma abordagem mais contextualizada e sensível às questões enfrentadas pelas mulheres negras empreendedoras, priorizamos as leituras escritas por intelectuais negras. Isso nos ajudou a estabelecer uma certa coerência com o movimento negro brasileiro. Após a criação de um formulário fechado e organizado em acordo com as pesquisas bibliográficas realizadas, entramos em contato com mulheres negras empreendedoras que estavam relacionadas ao trabalho ou que eram conhecidas da autora deste trabalho. As primeiras mulheres que foram identificadas transmitiram o estudo para outras mulheres conhecidas, e assim sucessivamente, conforme o método da Bola de Neve.

Encerramos o recebimento das respostas no dia 28/02/2024. O critério para o encerramento das respostas foi o prazo, e estas foram então analisadas. Dos 35 formulários enviados, 30 retornaram e foram considerados satisfatórios para análise dos dados. Foram rejeitadas 5 respostas das participantes que não finalizaram ou não responderam às perguntas de maneira coerente, como distorção ou falta de clareza com a interpretação pessoal da pergunta, ou não souberam responder.

Este processo não foi isento de dificuldades; houve desafios na obtenção das respostas, principalmente devido à necessidade de auxiliar as participantes com alguns esclarecimentos sobre os termos utilizados e até mesmo ajudá-las a "descrever com suas palavras as experiências vividas", respeitando suas agendas, dificuldades e disponibilidade para responder aos questionários. O envio foi livre e uma mulher foi indicada para a outra, visando obter resultados das experiências das mulheres negras empreendedoras em Varginha, Minas Gerais.

As perguntas do questionário foram cuidadosamente elaboradas para alinhar-se aos objetivos gerais e específicos do estudo. O roteiro completo das perguntas está disponível no Anexo 4 - Roteiro das Perguntas, encontrado na página 35.

### **7.1 Perfil das participantes da pesquisa**

As 30 participantes da pesquisa se autodeclararam como negras, pretas, morenas e pardas, abrangendo uma variedade de idades, com mulheres entre 23 e 59 anos de idade.

Figura 1. Formação educacional das mulheres da pesquisa

Formação Educacional	Quantidade
Ensino Médio Completo	11
Ensino Fundamental Completo	6
Ensino Superior Completo	3
Curso Técnico	9
Pós-Graduação Completa	1

Fonte: elaborado pela autora

A partir das formações educacionais das mulheres negras, as respostas analisadas, nota-se que 11 delas têm o ensino médio completo, 6 concluíram o ensino fundamental, enquanto somente 3 alcançaram o ensino superior completo. As outras participantes possuem cursos técnicos relacionados ao cuidado, como técnico em enfermagem, cuidador de idosos e técnico em administração, e apenas uma delas mencionou ter pós-graduação completa.

Figura 2. Perfil familiar das mulheres da pesquisa

Perfil Familiar	Quantidade
Casada com filhos	10
Mãe Solo	9
Solteira	6
Casada sem filhos	5

Fonte: elaborado pela autora

A partir do perfil familiar destacado nas respostas obtidas, torna-se evidente que 10 dessas mulheres são casadas com filhos, 9 são mães solo, 6 são solteiras, enquanto 5 são casadas sem filhos.

Figura 3. Ramo de atividade das empreendedoras da pesquisa

Ramo	Quantidade
Beleza	10
Culinária	6
Vendas	9
Cuidadora	5
Faxina	3

Fonte: elaborado pela autora

No que diz respeito ao empreendedorismo das mulheres negras na cidade de Varginha, MG, as mulheres negras que responderam no questionário mencionaram várias razões pelas quais queriam começar seus próprios negócios, como a busca por independência financeira, a falta de oportunidades de emprego formal e a necessidade de conciliar trabalho e cuidados familiares. Uma variedade de setores foram envolvidos nos negócios empreendidos, incluindo beleza, alimentação, cuidados infantis e prestação de serviços.

As principais dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras incluíam a falta de capital inicial, a dificuldade em atrair clientes, o preconceito racial e as limitações de acesso a crédito e informações. Muitas participantes também relataram ter enfrentado obstáculos adicionais devido à sua identidade de gênero e por serem mães.

As respostas obtidas no questionário, composto por 30 participantes, destacam os desafios significativos enfrentados por mulheres negras empreendedoras, ressaltando a importância de direcionar mais atenção a essas empreendedoras. Os resultados evidenciam como o empreendedorismo é frequentemente enaltecido como algo positivo em suas vidas, porém, revelam que a maioria das mulheres pertencentes às classes sociais C e D recorre ao empreendedorismo devido à negação de oportunidades de emprego formal, visando complementar sua renda mensal.

No anexo 6, disponibilizamos a tabulação do perfil das participantes das entrevistas. Os nomes verdadeiros das entrevistadas foram omitidos. E a seguir apresentamos as principais discussões e reflexões teóricas resultantes da pesquisa.

Na próxima seção organizamos os achados da pesquisa, as respostas diretas das participantes, em grandes tópicos (conforme os títulos que seguem). Em cada um deles, buscamos apresentar as respostas entrelaçadas à pesquisa teórica sobre o assunto,

indissociando teoria e prática, enriquecendo e contrastando a discussão, com a realidade encontrada na pesquisa realizada.

## **8. RESULTADOS ENCONTRADOS**

### **8.1 A falta de oportunidades e acesso ao capital**

Segundo dados do Sebrae (15/02/2023), cerca de 24% dos empreendedores brasileiros são mulheres negras, e esse número tem crescido constantemente. No entanto, essas empreendedoras ainda enfrentam muitos desafios, como a falta de acesso a recursos financeiros, capacitação, rede de contatos e representatividade em setores específicos.

“as mulheres negras empreendedoras foram as que mais sofreram entre todos os grupos de empreendedores no Brasil. De acordo com a pesquisa, os pequenos negócios liderados por mulheres negras representam uma grande proporção entre as empresas que estavam com as atividades interrompidas, 36 % contra 30% dos homens negros. Ainda, 58% das mulheres negras empreendedoras tiveram crédito bancário negado no período.” (AGUIAR, 2022, p. 14 apud SEBRAE/ FGV, 2020).

De acordo com Aguiar (2022), que por sua vez cita o SEBRAE/FGV (2020), as mulheres negras empreendedoras são as mais impactadas em relação à obtenção de crédito para a manutenção de seus negócios. Os dados divulgados pelo SEBRAE revelam que 58% das mulheres negras empreendedoras enfrentaram a recusa de crédito bancário, destacando-se como o grupo mais vulnerável nesse aspecto quando comparadas com outros grupos empreendedores no Brasil.

O que me levou a me empreender foi força de vontade e falta de oportunidades em firmas de grande porte. (Resposta obtida da participante número 3).

A resposta da participante número 3 reflete a realidade enfrentada por muitas mulheres negras no empreendedorismo, onde a falta de oportunidades em empresas estabelecidas impulsiona a busca por iniciativas próprias. A falta de oportunidades em firmas de grande porte pode motivar mulheres negras a empreenderem, mas também destaca os desafios de acesso ao capital que muitas enfrentam nesse processo.

De acordo com a pesquisa citada por Aguiar (2022) que por sua vez cita o SEBRAE/FGV (2020), as mulheres negras empreendedoras enfrentam desafios mais

significativos em comparação com outros grupos de empreendedoras. Neste sentido, a entrevistada 2 afirma:

Capital de giro. É preciso investimento. E quem começa com pouco dinheiro, passa mais necessidades. (Resposta obtida da participante número 2)

Sim, já tentei crédito há alguns anos no Banco Santander e foi negado. Fui presencialmente e senti os olhares. (Resposta obtida da participante número 2)

De acordo com o Sebrae (2020), 65% dos empreendedores negros que solicitaram empréstimos tiveram seu pedido negado.

Segundo um olhar sobre as diferenças de classe, a resposta da participante número 2, ao mencionar "quem começa com pouco dinheiro, passa mais necessidades", aponta para as dificuldades enfrentadas por empreendedores que possuem recursos limitados (classes C e D). Essas pessoas têm maiores desafios para manter o negócio em funcionamento, uma vez que não possuem uma margem financeira confortável para lidar com imprevistos ou investir em melhorias; muito menos possuem credibilidade/confiança do mercado financeiro (nem mesmo programas do Estado) para apostarem em suas propostas. Podemos perceber como a opressão de classe se faz estruturante. A condição de pobreza contribui para que estas mulheres permaneçam sem oportunidades de mudança/mobilidade social, perpetuando uma condição de vulnerabilidade.

A resposta da participante número 2, que afirmou que a concessão de créditos foi negada porque ela era uma mulher negra, enfatiza a questão de classe e a questão de raça. Ela também fala sobre quando foi pessoalmente à instituição financeira e sentiu olhares direcionados a ela. Os "olhares" mencionados podem ser interpretados como manifestações de desconfiança ou tratamento diferenciado com base em sua aparência ou identidade racial. No mesmo sentido, evidenciando os desafios enfrentados ao empreender por ser uma mulher negra, a resposta obtida pela participante número 13, mulher negra que atua no ramo de confeitaria, destacou que, ao oferecer seus produtos, percebeu que as pessoas a olhavam de forma diferente por ser negra e pertencer à classe C. Ela ressaltou que essa discriminação é uma dificuldade significativa em seu negócio.

Ao oferecer o produto, por ser Negra e classe C as pessoas já te olham diferente. (Resposta obtida da participante número 13)

Almeida (2020, p.33) destaca que as consequências das práticas de discriminação direta e indireta ao longo do tempo conduzem à estratificação social, um fenômeno intergeracional no qual o percurso de vida de todos os membros de um grupo social, incluindo as oportunidades de ascensão social, reconhecimento e sustento material, são impactados. Isso torna-se um grande desafio na vida das mulheres negras empreendedoras.

No que tange a políticas públicas, é importante ressaltar que em 2021, a deputada Luísa Canziani (2023) relata a aprovação, pela Câmara dos Deputados, do Projeto de Lei 1883/21, que estabelece o Programa Crédito da Mulher nos bancos oficiais federais. Essa iniciativa visa facilitar o acesso ao crédito para mulheres empreendedoras, introduzindo quotas mínimas para empréstimos destinados a microempresas lideradas por mulheres, com particular atenção para aquelas que se encontram em condições de vulnerabilidade, como mulheres negras, de baixa renda ou com deficiência.

A Câmara dos Deputados aprovou nesta quinta-feira (2), em sessão plenária, o Projeto de Lei 1883/21, que cria o Programa Crédito da Mulher no âmbito das instituições financeiras oficiais federais e estipula percentuais de concessão de crédito em programas[...] De acordo com o parecer da deputada Luisa Canziani (PSD-PR), no mínimo 25% dos recursos do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe) deverão ser emprestados às microempresas e empresas de pequeno porte controladas e dirigidas por mulheres. (Fonte: Agência Câmara de Notícias 02/03/2023)

No entanto, esta pesquisa mostra que é necessário considerar o recorte racial, reconhecendo o racismo estrutural que existe na sociedade brasileira e enfatizando a importância de tomar ações específicas para combater as desigualdades que afetam mulheres negras e outras minorias. A seguir, enumeramos e explicamos outros desafios encontrados com nossa pesquisa.

## **8.2 Os desafios ao empreender, sendo uma mulher negra e mãe: a questão da maternidade**

É crucial reconhecer a interseccionalidade das questões de classe, raça e gênero, não se limitando apenas a atos isolados de discriminação. Essas questões se entrelaçam em um processo contínuo no qual as condições de subalternidade e privilégio são reproduzidas entre

grupos raciais, permeando os aspectos políticos, econômicos e as interações cotidianas. (ALMEIDA, 2020, p.34):

Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas - bairros, guetos, bantusões, periferias etc. (ALMEIDA, 2020, p.34)

"Esse é um tipo de labor que abrange dimensões físicas, mentais, emocionais e sexuais, sendo predominantemente desempenhado por mulheres, muitas vezes sem uma remuneração adequada ou até mesmo sem qualquer forma de compensação financeira. (Federici, 2017; 2021 apud Onuma e Oliveira, 2023)

Ao desenvolver o questionário para a construção deste trabalho, nos deparamos com relatos que destacam os desafios enfrentados pelas empreendedoras, especialmente as mulheres negras que também são mães. A resposta da participante número 11 ressalta a complexidade dessas barreiras; sua simples afirmação carrega um peso significativo, pois evidencia o enfrentamento de um duplo preconceito. Não apenas a discriminação de gênero e raça, mas também a marginalização adicional de ser uma mãe solteira, refletindo os desafios únicos que as mulheres negras e mães enfrentam ao empreender.

Sim, por ser uma mulher negra e mãe solo, a sociedade sempre gera empecilhos.  
(Resposta da participante número 11)

De acordo com Carneiro (2023), é uma condição necessária para a afirmação plena de nossa humanidade que rejeitemos vigorosamente qualquer forma de discriminação e exclusão. Aqueles que aceitam tais práticas estão diminuindo a si mesmos como seres humanos. Carneiro (2023) expressa com orgulho sua própria plenitude como ser humano, ressaltando a importância de recusar a discriminação como parte integrante desse reconhecimento.

O estigma ligado ao trabalho doméstico reflete-se nas mulheres, que são as principais executoras desse tipo de atividade. Essas mulheres são frequentemente percebidas como inferiores devido à desvalorização social do trabalho doméstico, o que resulta na subestimação de seus corpos, mentes, emoções e ideias. Essa marginalização social perpetua

a desigualdade de gênero e contribui para a perpetuação de uma hierarquia social injusta (Federici, 2017; 2021 apud Onuma e Oliveira 2023)

A participante número 7 compartilhou que uma das motivações para empreender foi a dificuldade em ser contratada, por ser uma mulher negra e devido à responsabilidade de cuidar de sua criança pequena. Em suas palavras:

Dificuldade em ser contratada por ter criança pequena. Vendas de bombons ovos de páscoa. (Resposta obtida da participante número 7)

Ela mencionou que começou a se dedicar à venda de bombons e ovos de Páscoa, visto que enfrentava a dificuldade de conciliar o trabalho formal com os cuidados de sua filha, pois não tinha com quem deixá-la. Essa resposta ressalta os desafios enfrentados por muitas mulheres que precisam conciliar suas responsabilidades familiares (trabalho reprodutivo) com a busca por renda (trabalho produtivo), levando-as a encontrar soluções empreendedoras para as duas demandas.

A experiência revelada através do questionário ilustra como o preconceito pode se manifestar em situações concretas, como a negação de trabalhos e ser julgada com base em ser mãe solo. Essa comparação evidencia a maneira como o racismo estrutural pode se manifestar nas interações cotidianas e reforça a importância de abordar e combater as desigualdades raciais em diferentes contextos.

Desta forma, podemos perceber uma incongruência entre a imagem idealizada de uma mãe empreendedora – aquela que será muito mais feliz e realizada, pois vai ser livre para trabalhar com o que gosta, sendo a própria chefe e ganhando dinheiro enquanto acompanha os pormenores da rotina dos filhos – e aquela que se torna a realidade de muitas – um trabalho muitas vezes solitário e exaustivo, que exige uma dedicação muito maior do que o imaginado e remunera menos do que o esperado (SALGADO; JORGE, 2018, p.10).

Salgado e Jorge (2018) ressalta uma importante discrepância entre a idealização da maternidade empreendedora e a realidade vivenciada por muitas mulheres nessa condição. Enquanto a expectativa pode ser de liberdade, satisfação e autonomia financeira, a verdade é que muitas enfrentam um cenário exaustivo.

No meu caso foi a pandemia, com as escolas fechadas eu precisei sair do emprego pois sou mãe solo e não tinha com quem deixar meu filho. Vendo a necessidade de outras mães resolvi iniciar como babá e com as crianças eu realizava tanto o cuidado necessário quanto a recreação infantil. Tive um retorno muito positivo dos pais e foi aí que surgiu a Casa da Tia Tatá, espaço de cuidados e recreação infantil. Meu negócio é necessário pois muitas mães encontram dificuldades em ingressar no mercado de trabalho após a maternidade, pois não tem com quem deixar, às vezes a vaga da creche não saiu ou não tem uma rede de apoio. E essa é a missão da Casa da Tia Tatá ser um apoio. (Resposta da participante número 10)

A resposta da participante número 10, mãe solo, 26 anos, viu sua motivação surgir da pandemia, quando precisou sair de seu emprego para cuidar de seu filho. Percebendo as necessidades de outras mães na mesma situação, ela iniciou como babá e expandiu para criar a Casa da Tia Tatá. Seu negócio se tornou um apoio crucial para mães que enfrentam dificuldades em retornar ao mercado de trabalho após a maternidade, devido à falta de apoio ou à indisponibilidade de creches.

Segundo o SEBRAE (2023), para mulheres negras empreendedoras, o cenário é especialmente desafiador devido à intersecção de discriminações raciais e de gênero. Apesar dessas adversidades, muitas delas têm se destacado como empreendedoras bem-sucedidas, enfrentando obstáculos com criatividade, resiliência e determinação.

### **8.3 - Estereótipos e preconceitos raciais**

Ao abordar estereótipos e preconceitos raciais neste TCP, deparei-me com uma realidade contundente refletida nas respostas dos questionários. Desde relatos de recusas de crédito em bancos até experiências de discriminação no mercado de trabalho, percebe-se a intersecção entre raça e gênero na configuração de barreiras vivenciadas por elas. Os relatos revelam um contexto no qual o racismo estrutural permeia as interações sociais e econômicas, limitando as possibilidades de progresso para mulheres negras. Essas narrativas pessoais, embora dolorosas, são cruciais para compreendermos e desconstruir os preconceitos arraigados em nossa sociedade, e principalmente os obstáculos persistentes e reais que existem na vida das mulheres negras não somente no mercado do trabalho mas em toda sua experiência de vida.

Collins (2019) conceitua os estereótipos das mulheres negras como imagens de controle, pois procuram estabelecer uma definição que as objetifica e desumaniza,

tornando-as "outro". Ela argumenta que a desumanização tem o propósito de justificar o controle sobre esses grupos. As imagens de controle são projetadas para encobrir o racismo, sexismo, pobreza e outras injustiças sociais, normalizando-os e os tornando parte intrínseca do cotidiano, o que as torna essenciais para a manutenção das desigualdades sociais.

Segundo Almeida (2020), os estereótipos e preconceitos raciais têm um papel crucial na perpetuação de práticas discriminatórias diretas e indiretas, cujas consequências impactam profundamente e perduram ao longo do tempo:

A consequências de práticas de discriminação direta e indireta ao longo do tempo leva à estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social - o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material - é afetado. (ALMEIDA, 2020, p.33)

Almeida (2020) destaca como as práticas de discriminação, tanto direta quanto indireta, têm um impacto profundo e duradouro na estrutura social. Segundo o autor, essas práticas contribuem para a estratificação social, que é um fenômeno intergeracional. Isso significa que não apenas os indivíduos diretamente afetados pela discriminação sofrem as consequências, mas também as gerações subsequentes dentro do mesmo grupo social.

Ao elaborar o questionário para a realização deste trabalho, destacaram-se as respostas de duas participantes que relataram terem sido vítimas de discriminação ao solicitar crédito bancário. Em suas próprias palavras:

Sim, quando fui perguntar em relação a financiamento, fui questionada quanto as minhas condições se eu conseguiria pagar posteriormente, isso não ocorreu com outra colega que tentou a mesma coisa. (Resposta da participante número 10)

Sim. Principalmente na questão do emprego. E por ser negra e sem estudos ouvi que não poderia ter aumento salarial. (Resposta da participante número 14)

Ambas as respostas evidenciam os preconceitos e estereótipos raciais enfrentados por mulheres negras no contexto empresarial. Na primeira resposta, a participante relata discriminação ao buscar financiamento, sendo questionada sobre sua capacidade de pagamento de forma que não ocorreu com uma colega. Isso reflete a desconfiança baseada em estereótipos de que mulheres negras são menos capazes ou menos confiáveis financeiramente. Já na segunda resposta, a participante destaca a negação de oportunidades

de aumento salarial devido à sua raça e nível educacional. Essa situação ilustra como estereótipos raciais podem influenciar nas decisões de emprego e remuneração, perpetuando desigualdades econômicas e sociais.

As respostas das participantes número 03 e 13 evidencia formas de racismo indireto, pois ambas relatam terem tido oportunidades de emprego negadas, apesar de não perceberem diretamente essa discriminação.

não que eu saiba (Resposta da participante número 03)

Não que eu tenha percebido. (Resposta da participante número 13)

Gonzalez (2011) essas dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras no mercado de trabalho e ao empreender são ainda mais complexas devido ao preconceito histórico e à minimização de sua contribuição, que aponta como a influência negra na formação histórico-cultural é frequentemente encoberta pelo véu ideológico o branqueamento é recalçada por classificações eurocêntricas.

O aspecto central do nosso questionário, conforme detalhado no anexo 11.2, revelou-se significativo ao abordar empreendedoras negras e a pergunta: "Você já sentiu que, por ser uma mulher negra, oportunidades de negócio foram negadas?" Adquirimos resultados intrigantes, pois 21 participantes responderam afirmativamente, enquanto 7 responderam negativamente. Além disso, 2 participantes relataram não terem percebido diretamente, mas têm consciência da existência do preconceito racial. Essas respostas, realistas e alarmantes para o contexto atual, ressaltam a persistência do racismo estrutural e suas consequências no cenário do mercado de trabalho e da empreendedora.

As respostas obtidas revelaram que as mulheres negras foram alvo de racismo de maneira indireta, embora algumas delas não tenham percebido ou não tenham compartilhado por medo. As sete respostas negativas não foram conclusivas, pois algumas delas foram acompanhadas de expressões como "não que eu saiba" e "Graças a Deus nunca passei e senti algo do tipo". Destaca-se também a resposta da participante número 9 que mencionou: "Não, somente oportunidade de emprego", sugerindo a existência de obstáculos específicos nesse aspecto.

#### **8.4 Barreiras estruturais e institucionais, a visibilidade das empreendedoras negras são limitadas**

Ao mesmo tempo em que as mulheres negras do Brasil se tornam cada vez mais empreendedoras, elas enfrentam uma variedade de obstáculos e dificuldades que afetam o sucesso de suas empresas. O Sebrae (2024) destaca que esses obstáculos incluem o racismo e a discriminação que são encontrados em todas as facetas do vida, incluindo o mercado de trabalho, o que pode tornar mais difícil obter capital, financiamento e oportunidades de negócios. Além disso, as mulheres negras têm menos acesso à educação e qualificação do que seus concorrentes, o que pode dificultar a gestão de negócios e oportunidades de networking. A sobrecarga de trabalho também é um grande problema para as mulheres, pois elas normalmente têm mais tarefas domésticas e familiares, o que dificulta administrar bem suas empresas (Sebrae, 2024).

A participante número 17 ao responder o questionário, destacou a questão da acessibilidade, ressaltando que muitos não acreditam no potencial de sucesso e reconhecimento das mulheres negras, em suas palavras:

A acessibilidade, muitos não acreditam que uma mulher negra possa ter sucesso e ser reconhecida (Resposta da participante número 17)

Segundo IBGE 2019, a sub-representação das mulheres pretas ou pardas na política brasileira. Apesar de constituírem uma parcela significativa da população, essas mulheres enfrentam obstáculos sistemáticos que limitam seu acesso e participação nos cargos políticos. Essa sub-representação não apenas compromete a democracia, mas também reflete e perpetua desigualdades históricas e estruturais (IBGE 2019).

Por último, mas não menos importante, cite-se a situação das mulheres pretas ou pardas, em desvantagem no quesito representação, tanto em comparação aos homens de mesma cor ou raça, quanto em relação às mulheres brancas. Em 2018, as mulheres pretas ou pardas constituíram 2,5% dos deputados federais e 4,8% dos deputados estaduais eleitos, e, em 2016, 5,0% dos vereadores. Consideradas apenas as mulheres eleitas, foram 16,9%, 31,1% e 36,8%, respectivamente. (IBGE, Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil, 2019).

A resposta da participante número 04 ressalta a importância da igualdade e da não discriminação, independentemente da cor da pele. Neste contexto das empreendedoras negras, isso destaca a necessidade de superar as barreiras estruturais e institucionais que limitam sua visibilidade e oportunidades:

Eu acredito que se tratar todos iguais como Deus faz não haverá discriminação. Pq a cor da pele não diminui a capacidade de uma pessoa. (Resposta da participante número 4)

De acordo com Siqueira, Nunes e Moraes (2018, p. 243), há uma falta de dados atualizados sobre a participação das mulheres negras no empreendedorismo no Brasil contemporâneo. Entretanto, as informações disponíveis sugerem um contexto amplamente desfavorável para essas mulheres no cenário empreendedor nacional:

Empreendedorismo da mulher negra. Existe uma escassez de informações atualizadas sobre a quantidade de mulheres negras que se dedicam à atividade empreendedora no Brasil atual, porém as informações [...] abrangem um contexto amplamente desfavorável para tais mulheres no empreendedorismo nacional. (SIQUEIRA; NUNES; MORAES, 2018, p. 243).

A citação de Siqueira, Nunes e Moraes (2018) se correlaciona diretamente com a resposta da participante número 12, evidenciando as barreiras estruturais e institucionais que limitam a visibilidade das empreendedoras negras. A participante descreve de forma clara a dificuldade que enfrenta em ganhar a confiança do público e em divulgar seu empreendimento, destacando o baixo engajamento nas redes sociais. Essa experiência ilustra os obstáculos enfrentados pelas empreendedoras negras, a mesma nos respondeu:

Dificuldade de ganhar a confiança do público e de divulgar, pois como é muito recente, nas redes sociais vejo pouco engajamento. (Resposta da participante número 12)

Segundo Gonzalez (2008), apesar de algumas exceções notáveis, a dependência cultural é uma característica do movimento de mulheres no Brasil, limitando a compreensão da situação da mulher negra:

Apesar das poucas e honrosas exceções para entender a situação da mulher negra [...], poderíamos dizer que a dependência cultural é uma das características do movimento de mulheres em nosso país. As intelectuais e ativistas tendem a reproduzir a postura do feminismo europeu e norte-americano ao minimizar, ou até mesmo deixar de reconhecer, a especificidade da natureza da experiência do patriarcalismo por parte de mulheres negras, indígenas e de países antes colonizados (GONZALEZ, 2008, p. 36).

Gonzalez (2008) argumenta que o movimento de mulheres no Brasil muitas vezes dependeu de influências culturais estrangeiras. Essa dependência cultural pode ter influenciado a forma como as questões das mulheres negras são abordadas, subestimando suas experiências únicas de discriminação e desafios.

## **9. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vamos destacar a jornada de autodescoberta e empoderamento das mulheres negras. Essa frase é importante para as mulheres negras porque reconhece suas lutas constantes para afirmar sua identidade e superar as barreiras sociais impostas pelo racismo, sexismo e outros sistemas de opressão.

A mulher negra enfrenta muitos problemas, incluindo a discriminação no mercado de trabalho e o peso do trabalho doméstico não remunerado, o trabalho com a educação dos filhos e muitas vezes sendo mães solteiras. No entanto, como ela navega por essas dificuldades, demonstrando sua força e resiliência, resistindo e persistindo para atingir seus objetivos e afirmando sua existência e dignidade. Existe a importância de reconhecer e valorizar as experiências e contribuições das mulheres negras na sociedade, bem como inspirar outras mulheres a abraçarem sua negritude como uma fonte de poder e orgulho.

O Trabalho reflete de forma sensível a realidade desafiadora enfrentada pelas mulheres negras no mercado de trabalho e no empreendedorismo. Destaca a interseção complexa de discriminação de gênero e racial, bem como os obstáculos estruturais e os estereótipos prejudiciais que perpetuam a desigualdade.

O empreendedorismo das mulheres negras evidencia a dura realidade enfrentada no mercado de trabalho formal, onde as barreiras são triplamente ampliadas para elas. Ao optarem pelo empreendedorismo, essas mulheres abdicam dos direitos assegurados pela CLT, como licença maternidade, férias e uma renda fixa mensal. Essa escolha muitas vezes é motivada pela negação direta ou indireta de oportunidades de emprego formais, impulsionada

pela necessidade de sobrevivência em um sistema capitalista que muitas vezes as marginaliza. A decisão de empreender, seja de forma formal ou informal, resulta em uma sobrecarga imensa, representada pela tripla jornada de trabalho: cuidar da casa, dos filhos e ainda administrar o próprio negócio. Esta sobrecarga pode levar à exaustão física e emocional, tornando evidente a necessidade de políticas e práticas que reconheçam e enfrentem as desigualdades estruturais enfrentadas por essas mulheres.

É importante ressaltar o fator de exaustão e adoecimento físico e mental que acomete a maioria destas mulheres. Como consequência de tantos processos de opressão e violências simultâneos, percebe-se a desestruturação física e psíquica destas mulheres. Por trás da injusta imagem compartilhada da mulher negra forte, de força infinita, deparamos com relatos de exaustão, adoecimento, depressão, e desinteresse pela vida. São urgentes políticas públicas direcionadas ao apoio e amparo destas mulheres.

Por fim, o trabalho ressalta a necessidade urgente de abordagens mais inclusivas e acessíveis para compreender plenamente as experiências e necessidades das mulheres negras empreendedoras. A importância contínua de políticas públicas e iniciativas que promovam a inclusão econômica e a igualdade racial, reconhecendo e valorizando as contribuições únicas das mulheres negras para o desenvolvimento do país.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Heraldo Márcio de. **Mulheres negras empreendedoras no Brasil: suas barreiras e comportamento de superação para empreender**. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Nove de Julho – UNINOVE. Profa. Orientadora Vânia Maria Jorge Nassif. São Paulo, 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BERDEJÓ, C. **Financing Minority Entrepreneurship**. Wisconsin Law Review, Vol. 2021 (Forthcoming), Loyola Law School, Los Angeles Legal Studies Research Paper No. 2020-30, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=370636>.

CARNEIRO, Sueli. (2018). **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: **O Racismo no Brasil: da Teoria à Prática**. Editora Claro Enigma.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: ASHOKA Empreendedores Sociais; TAKANO Cidadania (orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Sueli Carneiro II “Matriarcado da miséria”**. Jornal Correio Braziliense, Coluna Opinião, 15/ 9/2000, p. 5.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento**. Estudos Avançados. V. 17. N. 49, 2003. Disponível em: . Acesso em 15/02/2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Consciência em debate. Coordenadora Vera Lúcia Benedito. São Paulo: Selo Negro, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2017.

GONZALEZ; L.; HASENBALG, C. **Lugar de negro**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. São Paulo: Polén, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Mulher negra**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 29-47.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. In: RIOS, Flávia; RATTIS, Alex. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2020, p. 217.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: **Caderno de formação política do Círculo Palmarino n.01 Batalha de Ideias**. (2011). 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod\\_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf). Acessado em 07.02.2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2019.

LIMA, M. **Serviço de branco, serviço de preto: um estudo sobre cor e trabalho no Brasil urbano**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MANSSUR, Gabriela Prado Manssur. Violência doméstica e a autonomia financeira das mulheres. Conjur.2018. Disponível em: [conjur.com.br/2018-out-30/mp-debate-violencia-domestica-autonomia-financiera-mulheres](https://conjur.com.br/2018-out-30/mp-debate-violencia-domestica-autonomia-financiera-mulheres). Acesso em: 18 out 2023.

MOREIRA, Mariana. **Confira as áreas em que as mulheres mais investem e veja como abrir o seu negócio**. EXTRA.GLOBO, 2015. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/emprego/confira-as-areas-em-que-as-mulheres->

mais-investem-veja-como-abrir-seu-negocio-15529011.html. Acesso em: 22 de março. de 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. Beatriz Nascimento, **Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **A mulher negra no mercado de trabalho**. 1976. In: Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018.

Rezende, A. Mafra, F.L. N, & Pereira, J.J. **Black entrepreneurship and the beauty salons: possibilities for resistance in social (re)construction of black identity**. Organização & Sociedade, 25 (87), 589-609. <https://doi.org/10.1590/1984-9250873>.

SALGADO, Juliana; JORGE, Marianna Ferreira. **Empreendedorismo materno: entre o ideal subjetivo e a frustração performática**. In: COMUNICON – Congresso Internacional em Comunicação e Consumo, 2018, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo:ESPM Disponível em: Acesso em: 07 de Fevereiro de 2024.

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; NUNES, Danilo Henrique. MORAIS, Fausto Santos De. **Identidade, Reconhecimento e Personalidade: Empreendedorismo da Mulher Negra**. v. 9, n.3. 2018. Disponível em: . Acesso em: 16 de abril de 2023.

TEIXEIRA, L.G. **Afroempreendedores: desafios e oportunidades para empreendedores negros no Distrito Federal**. Trabalho de Conclusão do Curso de Administração da Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

#### **WEBSITES CONSULTADOS:**

Agência Câmara de Notícias. (2023, 02 de março). Câmara aprova crédito específico para mulheres em microempresas e pequenos negócios. Recuperado de <https://www.camara.leg.br/noticias/880665-comissao-aprova-criacao-do-programa-credito-da-mulher>. Acesso: 30 de outubro de 2024

Geledés. (s/d). **Um Brasil de Carolinas: a luta das mulheres negras contra a fome e a pobreza.** Recuperado de:

<https://www.geledes.org.br/um-brasil-de-carolinas-a-luta-das-mulheres-negras-contr-a-fome-e-a-pobreza/>.

Sebrae. (s/d). **Os desafios sempre presentes na vida das empreendedoras negras.**

Recuperado de:

<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/conteudos/posts/os-desafios-sempre-presentes-na-vida-das-empreendedoras-negras,0f2c4c4c22456810VgnVCM1000001b00320aRCRD>.

**Anexo 1 - Roteiro das Perguntas da Pesquisa**

- 1 Nome:
- 2 Rede Social:
- 3 Qual sua idade?
- 4 Qual sua escolaridade?
- 5 Configuração familiar:
- 6 Renda Mensal:
- 7 Qual bairro você reside?
- 8 Em relação a sua etnia, como você se auto declara?
- 9 Alguma vaga de emprego foi negada devido ser uma mulher negra?
- 10 O que te levou a empreender? Qual é o seu negócio e como o define hoje?
- 11 Quais as principais dificuldades que você encontra ao empreender?
- 12 Você já passou ou sentiu que por ser uma mulher negra oportunidades de negócio foram negadas? A concessão de créditos ou, até mesmo, acesso à informação?
- 13 O que você acha que contribuiria como política pública para o auxílio de mulheres negras empreenderem? Como poderíamos contribuir com o sucesso delas?

**Anexo 2 - Respostas sobre o questionamento sobre as oportunidades de negócio que foram negadas por racismo.**

<b>Participante</b>	<b>Respostas</b>
1	Sim.
2	Sim
3	Não que eu saiba
4	Sim, já tentei crédito há alguns anos no Banco Santander e foi negado. Fui presencialmente e senti os olhares.
5	Sim muitas vezes meus próprios clientes são racistas a minha cor
6	sim já passei e muitos por eu ser negra, no mercado de trabalho mesmo muitos já deixaram de me dar o emprego por conta da minha cor
7	Graças a Deus nunca passei e senti algo do tipo. Mas a gente vê diversos casos de mulheres negras que passam por diversas situações e infelizmente acontece em qualquer lugar, na escola, no trabalho, na rua.
8	Sim ... racismo de alguns clientes...
9	Não, somente oportunidade de emprego.
10	Sim, quando fui perguntar em relação a financiamento, fui questionada quanto às minhas condições se eu conseguiria pagar posteriormente, isso não ocorreu com outra colega que tentou a mesma coisa
11	Sim , por ser uma mulher negra e mãe solo, a sociedade sempre gera empecilhos.
12	Não
13	Não que eu tenha percebido.
14	Sim. Principalmente na questão do emprego.

- 15 E por ser negra e sem estudos ouvi que não poderia ter aumento salarial.
- 16 Não percebi nada, diretamente nesse sentido de empreender
- 17 Não
- 18 Sim, quando pedimos mais peças de semi jóias para vender, ficam questionando a quantidade ou se podemos deixar uma entrada \$\$
- 19 Sim, a sociedade nega oportunidades a todo momento, principalmente quando se tem filho e tem que levar e buscar na creche. Ou quando precisa sair para resolver problemas da criança
- 20 Acredito que sim, mas não sei se foi diretamente ou suporam obstáculos e escolheram outras candidatas mais por questão de aparência. Sempre trabalhei em empregos simples, por mais que eu seja qualificada. Tenho curso de nutrição e faço faculdade de assistente social.
- 21 Sim, lógico!
- 22 E principalmente quando a negra se destaca no serviço, o mérito sempre vai para outra pessoa.
- 23 Não que foi direto a mim, ou percebido, mas acredito que sim. Quando você fala na entrevista que é mãe, eles perguntam: A criança fica na creche? É criança pequena?
- 24 SIM.
- 25 Acredito que sim, ainda mais por ser solteira, mãe sozinha. É não ter muito estudo.
- 26 Sim, já vivenciei duas negativas de emprego! No dia que me informaram que não fui selecionada, não tiveram motivos claros para a não contratação. E um outro local, outra entrevista, foi em grupo, quando me chamaram e elogiaram meu currículo, ao ver que EU SOU NEGRA, era notório a cara de espantos do RH/Pessoal que contrata.

- 27 Acredito que sim, mas não sei detalhar ao certo, pois as desculpas são bem convincentes para não conseguir a vaga.
- 28 Sim, já enfrentei situações em que me senti discriminada por ser uma mulher negra, especialmente quando buscava oportunidades de negócio, concessão de créditos ou acesso à informação.
- 29 Sim, mas o obstáculo maior foi por ser mãe e dividir o serviço com as tarefas de casa e cuidado com as crianças.
- 30 Sim, por ser negra, não ter muitas garantias de bens e sem estudos de qualificação.

### **Anexo 3 - Respostas sobre as barreiras e dificuldades encontradas pelas empreendedoras**

<b>Participante</b>	<b>Atividade</b>	<b>O que te levou a empreender</b>	<b>Quais dificuldades ao empreender</b>
Resposta 01	Vendas	Complemento de renda	Capital de giro
Resposta 02	Beleza	Experiência pessoal	Capital inicial
Resposta 03	Costureira	Oportunidade	Falta de incentivo
Resposta 04	Doceira	Oportunidade	Dificuldade familiar
Resposta 05	Vendas	Autonomia	Aquisição de clientes
Resposta 06	Beleza	Oportunidade de Renda	Falta de recursos
Resposta 07	Marmitaria	Oportunidade	Falta de suporte
Resposta 08	Psicóloga	Autonomia	Falta de recursos financeiros
Resposta 09	Confeiteira	Oportunidade	Desconfiança e preconceitos
Resposta 10	Cuidados infantis	Necessidade e oportunidade	Burocracia e visibilidade
Resposta 11	Beleza	Independência e paixão	Aquisição de clientes
Resposta 12	Trancista	Complemento de renda	Confiança e divulgação
Resposta 13	Confeiteira	Necessidade e oportunidade	Percepção e preconceito
Resposta 14	Revendedora	Independência e paixão	Lucros em curto prazo
Resposta 15	Trancista	Necessidade e complemento	Recursos financeiros
Resposta 16	Cabeleireira	Necessidade e oportunidade	Aquisição de clientes

Resposta 17	Cabeleireira	Independência e paixão	Preconceito e descrença
Resposta 18	Revendedora	Necessidade e complemento	Prospecção de clientes
Resposta 19	Trancista	Complemento de renda	Prospectar e conveniência
Resposta 20	Revendedora	Necessidade e oportunidade	Capital de giro
Resposta 20	Diarista	Necessidade e oportunidade	Conveniência e agenda
Resposta 21	Cuidadora de idosos	Necessidade e oportunidade	Com quem deixar minhas filhas
Resposta 22	Cuidadora	Independência e paixão	Agenda
Resposta 23	Vendas	Necessidade e oportunidade	Capital de giro
Resposta 26	Vendas online	Independência e paixão	Capital de giro
Resposta 27	Vendas de artesanato	Complemento de renda	Ampliar produtos e clientes
Resposta 28	Vendas de bolsas	Independência e paixão	Capital de giro
Resposta 29	Cabeleireira	Independência e paixão	Capital de giro
Resposta 30	Comércio	Independência e paixão	Capital de giro